A FIGURA DO MESTRE NA FORMAÇÃO DE SI ATRAVÉS DO CINEMA

Luciana Tubello Caldas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo

Este artigo trata da figura do mestre na formação de crianças e adolescentes integrantes do Projeto de Produção Audiovisual Clube das 5 – projeto de oficinas de cinema realizado na rede pública de ensino de Alvorada, Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. O objetivo é discutir a potência educativa do cinema, a partir da figura do mestre, André Bozzetti, que no ano de 2013 idealizou o projeto ao se reunir com estudantes do 4º ao 8º ano escolar, da Escola Municipal Emília de Oliveira, entre 17h e 19h. Metodologicamente, nos inspiramos no fazer etnográfico para compor e apresentar os dados desta pesquisa, bem como no uso da técnica de escrita de relatos de campo para apresentação dos mesmos. Como referencial teórico, centramos a discussão no conceito de psicagogia, como apontado por Foucault, em A Hermenêutica do Sujeito, além de comentadores do filósofo. Buscamos empreender uma análise daquele que coloca o cinema em discurso para a transformação dos sujeitos. Dito de outro modo, da figura do mestre que se forja no âmbito da psicagogia. Por fim, lançamos a hipótese de que o “Clube das 5” figura como um espaço de produção de verdades outras. Como, por exemplo, a ideia de um processo compartilhado – entre professor e aluno – de formação e produção de conhecimento, em tensão com a formação clássica que supõe o sujeito como carência ou “não saber”; ou seja, uma educação que ignora repertórios e desejos tão diversos e, muitas vezes, tão potentes em termos de formação de si.
Palavras-chave: formação de si, cinema, educação

Introdução

No polo oposto de uma concepção banal e corriqueira da prática cinematográfica, em sala de aula, nasce – na Escola Municipal Emília de Oliveira, em Alvorada/RS, no ano de 2013 – o projeto "Clube das 5". O nome faz referência ao horário no qual André Bozzetti – professor e mentor do projeto – e os estudantes, do 4º ao 8º ano escolar, se reuniam depois da aula, entre 17h e 19h, para fazer (e aprender sobre) cinema. O "Clube das 5" é, nas palavras de André,

> […] um espaço para tudo o que se relaciona a cinema. O que nós mais fazemos é estudar a linguagem cinematográfica, na teoria e na prática. Ou seja, visto que eu não sou um profissional da área mas estou estudando muito o assunto, o que eu vou aprendendo da teoria do cinema (em cursos, livros, documentários) eu tento passar para eles em aula, através de trechos de filmes e da produção de curtas.
> (Entrevista com André Bozzetti, 25 de agosto de 2014).

Metodologicamente, nos inspiramos no fazer etnográfico para compor e apresentar os dados empíricos desta pesquisa, bem como no uso da técnica de escrita de relatos de campo para apresentação dos mesmos, resultando em uma discussão sobre a potência educativa do cinema – a partir da figura do mestre que põe em ação a prática cinematográfica para a constituição ética dos sujeitos.

Operar com as imagens

Em 06 de abril de 2015, seis meses após o início de minha participação no "Clube das 5", recebi do professor André Bozzetti um e-mail contendo um roteiro de curta-metragem escrito por Ted[1]. No e-mail, André comentava:

> Ele escreveu o roteiro todo à mão, e eu que digitei. Da ideia original dele, o que mudou mais foi o final. Eu não lembro exatamente como era, mas lembro que quando li vi que não estava fechando bem. Sentei com ele e conversamos para chegar a este outro final. As cenas finais foram escritas por mim, mas as ideias foram em conjunto. Todos os efeitos descritos como "a tela escurece", "surge um clarão" etc., estavam presentes no roteiro original dele. Achei fantástico.

Ora, na linguagem cinematográfica, temos o *fade-in* para designar o que nosso roteirista chamou por "clarão"; em oposição, temos o *fade-out*, para designar o que Ted denominou, simplesmente, por "a tela escurece". Por exemplo, o par *fade-out – fade-in* é utilizado, comumente, para assinalar a passagem de uma sequência a outra. André se surpreende e acolhe não só o texto mesmo do roteiro, mas a apropriação que o jovem faz da linguagem cinematográfica, inclusive denominando certas técnicas com outra terminologia. Assim, podemos inferir que a ideia de formação (e de educação), aqui em jogo, não se vincula, unicamente, ao sujeito cognoscente. Ou seja, não estamos aqui diante de um mero aprendizado de técnicas audiovisuais, mas sim, diante de algo que aponta para a operação artística – no caso, de um plano, de um enquadramento, antevisto pelo jovem estudante.

Em 20 de abril de 2015, iniciaram-se as filmagens do curta-metragem "Quando 16", roteiro de André Bozzetti, inspirado na canção "Quando 16", da banda Wonkavision. A história narra a aventura de um casal de namorados, João e Beatriz, que decidem roubar o carro do pai de Beatriz. Após o roubo, eles partem rumo à uma tarde

romântica na praia. Mas acabam perdendo a noção da hora e vão embora às pressas, antes que o pai de Beatriz se dê conta do roubo.

Durante o processo de filmagem deste curta-metragem o seguinte diálogo nos chamou a atenção pela singularidade na relação ensino-aprendizagem.

> **ALEX**: Que tal fazer um plano mostrando os *storyboard*, pra mostrar que ela é uma pessoa culta?
> **ANDRÉ**: Mas tu acha que era mostrar o *storyboard*?
> **ALEX**: Acho que sim, pra mostrar que ela é uma pessoa inteligente, maneira...
> **ANDRÉ**: Ela é fã de *Star Wars*, *Hitchcock*...
> **ALEX**: *Batman*.
> **ANDRÉ**: *David Fincher*... Tá, então liga a luz apontada pra lá!

Não há uma transmissão de saber, mas, sim, um saber construído no exercício ético da liberdade. As escolhas do que filmar e como filmar se dão no âmbito do diálogo e da incitação à aprendizagem, para além de uma racionalidade instrumental. Abre-se para outras formas de pensar e operar com as imagens, deslocando o sujeito da posição "a quem se fala" para a posição "com quem se fala". Isto posto, podemos depreender que o "Clube das 5" – através de seu mestre – propõe uma formação pelo prazer de pensar e operar junto, cujo o fim não é habilitar o sujeito para o uso da linguagem cinematográfica, mas, torna-la conhecida para que possa ser desobedecida.

Pensar com as imagens

Ao menos duas vezes por ano – com a chegada dos novos participantes – André ministra oficinas teóricas de história do cinema, linguagem cinematográfica, roteiro, montagem, etc. Nestas oficinas são exibidos trechos de filmes, cujo objetivo é uma discussão sobre determinadas técnicas da linguagem cinematográfica.

> André exibiu uma cena do filme *Juventude Transviada*, em que Jim Stark (James Jean) participa de um racha; outra cena exibida foi a do filme *Filadélfia*, em que Andrew Beckett (Tom Hanks) explica a Joe Miller (Denzel Washington) como a ópera pode nos emocionar. No término da cena, uma aluna exclamou: "nossa, que lindo!"; enquanto outro aluno perguntou: "tu tem esse filme, sor? Quero ver!"
> (Relato de campo, 06 de novembro de 2014).

A propósito desse modo de trabalhar, assumido por André, lançamos algumas considerações, segundo as quais sublinhamos a figura de um mestre que – a partir de um diversificado conjunto de filmes – constrói com seus alunos "múltiplas formas de olhar" e "novas formas de pensar ética e esteticamente" (SCHWERTNER, 2012, p. 5).

> […] eu reparo muito nos planos de um filme... Quando a pessoa filma em contra *plongée*, o que isso quer dizer? Quer dizer que a pessoa tá maior? Quer dizer que a pessoa tá em uma posição de superioridade? Isso são coisas que eu vou pensando até o final do filme... Eu aprendi a fazer isso com o meu professor, ele faz isso.
>
> (Conversa com Anna, 13 de janeiro de 2016).

Claro está, o "Clube das 5" se dedica à produção cinematográfica, portanto, a exibição de trechos de filmes, ao longo das oficinas teóricas, promove um exercício do olhar pela curiosidade e interesse dos alunos que "vão atrás" dos filmes que lhes chamam a atenção. Ao nosso ver, esta busca pela obra, está muito diretamente relacionada à busca de um aperfeiçoamento de si mesmo. A partir da premissa de que as imagens provocam e evocam relações, pressupomos que os integrantes do "Clube das 5" são convocados a ressignificar as imagens cinematográficas – em um exercício de pensamento – imprimindo marcas em seu modo de ver e produzir imagens.

Considerações Finais

Falamos aqui de um mestre que se forja no âmbito de uma psicagogia, "que não tem por função dotar um sujeito qualquer de aptidões, mas modificar o modo de ser do sujeito a quem nos enderecemos". (FOUCAULT, 2004b, p. 366). Dito de outro modo, trata-se de um modo singular de operar com o cinema, colocando-o em discurso para a transformação daquele que cria imagens cinematográficas e "busca no prazer da conversação e da companhia do outro a sabedoria e a felicidade" (FREITAS, 2013, p. 331). Deste modo, lançamos a hipótese de que o "Clube das 5" figura como um espaço de produção de verdades outras. Como, por exemplo, a ideia de um processo compartilhado – entre professor e aluno – de formação e produção de conhecimento, em tensão com a formação clássica que supõe o sujeito como carência ou "não saber"; ou seja, uma educação que ignora repertórios e desejos tão diversos e, muitas vezes, tão potentes em termos de formação de si. Não pensamos ser falha a relação de transmissão

de saber, entre aquele que sabe e aquele que ignora. É manifesto que André se inscreve "na prática de alguém que, em um dado jogo de verdade, sabendo mais do que outro, lhe diz o que é preciso fazer, ensina-lhe, transmite-lhe um saber, comunica-lhe técnicas" (FOUCAULT, 2004a, p. 285). Porém, os "efeitos de dominação" – que por ventura se desvelam – escapam à prática pedagógica, em que se dão o aprendizado e a produção cinematográfica no "Clube das 5", revelando um mestre que media a "relação do indivíduo com sua constituição de sujeito" (FOUCAULT, 2004b, p. 117); um mestre que a partir da arte cinematográfica promove uma formação de si.

Referências

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. *Ditos e Escritos V*. Ética, sexualidade e política. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2004a, p. 264-287.

_____. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

FREITAS, Alexandre Simão de . A parresía pedagógica de Foucault e o êthos da educação como psicagogia. *Revista Brasileira de Educação*. v. 18, n. 53 abr.-jun. 2013, p. 325-493. Texto disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v18n53/05.pdf> Acesso em 02 de março de 2016.

SCHWERTNER, Suzana Feldens. Juventude, Cinema e Educação: apontamentos de uma pesquisa. *Tear*: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, v. 1, p. 1-19, 2012. Texto disponível em: <http://seer.canoas.ifrs.edu.br/seer/index.php/tear/article/view/2/2> Acesso em 29 de fevereiro de 2016.

Notas

[1] Os nomes próprios foram alterados para preservar a identidade dos estudantes.